



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

HISTORIOGRAFIA E ETNOGRAFIA DE UMA PESQUISA SOBRE O NEGRO NO SERTÃO BAIANO

Ocerlan Ferreira Santos*
(UESB)

Renata Ferreira de Oliveira**
(UESB)

Washington Santos Nascimento***
(UESB)

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América negra é um grupo de pesquisa criado juntamente com o Museu Pedagógico/UESB e tem por propósito pesquisar sobre a presença negra no interior da Bahia. Na historiografia sobre a escravidão na Bahia, contamos com vários estudos sobre a cidade de Salvador, o Recôncavo e, mais recentemente, as zonas de mineração do interior baiano. Entretanto em relação à presença negra no sertão, ainda há muito a ser estudado. Um dos pioneiros, Licurgo dos Santos Filho,⁴⁹ faz algumas referências a essa questão em meio a suas análises da vida “patriarcal” na fazenda “Brejo do Campo Seco”, uma enorme propriedade rural localizada na região da Serra geral nas terras do município de Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado), região vizinha ao Arraial do Brejo Grande.

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Aluno do curso de Especialização em Educação Cultura e Memória – Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira/UESB. Integrante do grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e América Negra – Gephaan - Museu Pedagógico Casa Padre Palmeira/UESB. ocerhist@yahoo.com.br.

** Aluna do Curso de História. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra. Email: renataconquista@yahoo.com.br

*** Professor do Departamento de História da UESB/BA, Mestrando em Ciências Sociais – PUC/SP, Coordenador do grupo de pesquisa “História da África e da América Negra”. Professor Orientador.

⁴⁹ *Licurgo dos Santos Filho, Uma comunidade rural no Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. pp. 117-130*



Santos Filho diz que os negros do Campo Seco ocupavam-se de diferentes atividades, como pastoreio, produção de alimentos, fabricação de rapadura, aguardente, ferragens, derivados do couro, serviços domésticos, o que revela toda uma dinâmica no emprego desses cativos, que também tinham autorização para, nas horas livres, cultivar um pedaço de terras e criar animais⁵⁰.

Mais recentemente, Erivaldo Neves, analisando a mesma região de Filho e B. J. Barickman sobre o “Recôncavo rural” produtor de mandioca, fumo e algodão,⁵¹ reafirmou a idéia central de Santos Filho ao destacar o caráter dinâmico da escravidão no sertão baiano, que se desenvolveu paralelamente e de forma articulada a trabalhadores livres agregados.

Segundo Neves, o número de escravos nos plantéis era geralmente pequeno, comparado com aquele encontrado na monocultura canavieira do litoral do Estado. Isto não quer dizer que a presença escrava fosse pequena. Os novos estudos da historiografia baiana, a exemplo dos que foram desenvolvidos pelas professoras Albertina Lima Vasconcelos, Maria Cristina Dantas Pina e Maria de Fátima Novais Pires,⁵² têm demonstrado que a quantidade de escravos no sertão era grande, embora eles não estivessem concentrados em poucas fazendas, mas distribuídos nas diferentes propriedades de seus senhores.⁵³

⁵⁰ Para maiores informações, ver Licurgo dos Santos Filho, *Uma comunidade rural no Brasil antigo*, (pp. 117 – 130).

⁵¹ Mais especificamente as obras de Erivaldo Fagundes Neves, “Sampuleiros Traficantes: comércio de escravos do alto sertão da Bahia para o Oeste cafeeiro paulista”, *revista Afro-Ásia*, Salvador: Ceao/Ufba, n. 24, 2000, Erivaldo Fagundes Neves, “Sertanejos que se venderam. Contratos de trabalho sem remuneração ou escravidão dissimulada?”, *Revista Afro-Ásia*, Salvador: Ceao/Ufba, n. 19/20, 1997, Erivaldo Fagundes Neves, *Uma comunidade sertaneja, da sesmaria ao minifúndio: um estudo de História regional e local*. Salvador: Edufba, 1998 e B. J. Barickman, *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no recôncavo baiano, 1780-1860*. São Paulo, Civilização Brasileira, 2003.

⁵² Estes estudos centram-se mais nas zonas de mineração, mas não deixam de fazer importantes análises sobre as áreas adjacentes. Para maiores detalhes, ver Albertina Lima Vasconcelos, “*Ouro: conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia do século XVIII*” (Dissertação de Mestrado, UNICAMP-IFCH, 1998); Maria Cristina Dantas Pina, *Santa Isabel do Paraguassu: cidade, garimpo e escravidão nas Lavras Diamantinas*, século XIX, Departamento de História da UFBA, Salvador. (Dissertação de Mestrado), 2000 e Maria de Fátima Novais Pires, *O crime na Cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)*. São Paulo. Annablume/FAPESP, 2003.

⁵³ **O próprio Neves relata o caso do capitão-mor Bento Garcia Leal, que possuía 202 escravos em 1823, mas distribuídos em suas inúmeras propriedades. Para maiores informações, ver Neves, *Uma comunidade sertaneja*, p. 253**



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Se as pesquisas sobre o negro em outras regiões ainda são escassas, o mesmo se dá em relação a região de Vitória da Conquista. Poucos são os trabalhos que fazem algum tipo de discussão sobre a presença negra na cidade. Citações pontuais aparecem aqui e ali, mas, poucos aprofundam a discussão. A primeira obra escrita de maneira abrangente sobre a história de Vitória da Conquista foi a “Revista Histórica de Conquista”, de dois volumes, com mais de 800 páginas. A obra foi escrita por Aníbal Viana. A sua revista tem a seguinte estrutura: Presença Indígena – Desbravadores – Família de João Gonçalves da Costa – Desenvolvimento do Arraial até se transformar em cidade. Nele, está clara a idéia de que o Arraial teria se originado do enfrentamento de índios e brancos. Assim sendo, Vitória da Conquista, fora construída por meio de duas matrizes, a matriz branca e a matriz indígena. Entretanto, é sabido que Vitória da Conquista fora construída sob o sangue dos indígenas e a padroeira da cidade, Nossa Senhora das Vitórias, foi entronada como prêmio por ter contribuído para a vitória sobre os nativos. Como resolver essa questão? Culpando os negros, que não tinham aparecido em sua obra até então e aparecem da seguinte forma,

O velho preto, centenário, de nome Francisco José Maria da Ponte, conhecido por “Tio Nagô”, que nasceu escravo de João Gonçalves da Costa, falava que quando menino estava presente na época das lutas de seu sinhô contra os índios e que ele (tio Nagô) botou veneno na cachaça que os índios beberam e morreram quase todos envenenados e que esse lugar ficava em frente da Igreja” (VIANA, 1982: 15).

A idéia que ele tenta passar é que foi esse negro o responsável pelo “banquete da morte” e não os brancos. “Tio Nagô” morava no lugar denominado “beco sujo” (hoje rua Ernesto Dantas), onde moravam outros iguais a ele.

Contraditoriamente, dado o caráter abrangente de sua obra, ele não desconsidera o fato de que a família de João Gonçalves da Costa era negra. Sobre sua filha Faustina Gonçalves da Costa, Aníbal Viana nos diz que ela era “mulher de boa estatura, mulata, simpática, de corpo esbelto”. Destaca também o autor a existência de uma série de



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

capangas negros e mulatos na cidade, a exemplo de Rufino de Rufina que “era um tipo negro, alto, magro, corajoso” e o mulato José Nique. Além de mulheres negras como Fulo do Panela, que ganhara notoriedade graças à sua “sensualidade” e Maria Rogaciana que organizava bailes comemorativos do treze de maio e fazia questão de dizer que “ela era preta, porém não gostava de negro, que na maioria era mal educado”⁵⁴.

Referências às mulheres negras da cidade aparecem na obra de Israel Araújo Orrico (1982) que, ao estudar as mulheres “que fizeram a História” da cidade, destaca a presença de Euflozina Maria de Oliveira, a “Fulô do Panela” que “tinha a tez moreno escura, traços firmes e delicados, nariz fino, lábios sensuais bem desenhados, olhos ligeiramente arredondados e ardentes [...] nem mesmo os cabelos carapinha conseguem diminuir-lhe a beleza. Exalava sensualidade”. Ela ganha notoriedade nessa obra porque cedeu aos apelos sexuais de um dos mais importantes coronéis da cidade, o Coronel Gugé, e nas palavras de Orrico, “aquele homem bravo, macho, guerreiro, de palavra jamais desmentida, dominava-a e domava os seus anseios de mulher”⁵⁵.

Dez anos depois, Mozart Tanajura (1992) traz algumas referências sobre a presença negra na cidade em seu livro “História de Conquista”. Diz que as negras eram “criaturas amorosas” e que por isso teria se miscigenado fortemente com o branco gerando uma sociedade conquistense marcada pela existência de indivíduos com “sangue do branco de olhos azuis” mas com “fisionomia amulatada”. Segundo ele, o 13 de maio era uma das festas cívicas mais populares da cidade sendo organizada por uma descendente de escravos, Maria Rogaciana da Silva (que virou nome de escola na atualidade). Entretanto, só entrava em sua festa, realizada no paço municipal, brancos, ela fazia questão de ficar na porta para não deixar os negros entrar. Destaca ainda Tanajura a presença de valentões negros, como Benedito sem beirada, Negro Vicente e Mata Neco.

⁵⁴ Ver Viana (1982) p. 140, 142 e 406)

⁵⁵ Mais detalhes ver Orrico (1982), p. 169.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Trabalhos mais recentes, como os de Maria Aparecida de Souza (2001) e Isnara Pereira Ivo (2004) também muito circunstancialmente, falam da presença escrava na região de Vitória da Conquista, Para Souza, haveria poucos negros na cidade desde o período em que era apenas um Arraial e os poucos que aqui existiam viviam com certa liberdade, podendo se deslocar de uma região para outra sem muitas dificuldades. Ivo (2004) também assinala a pequena quantidade de cativos e destaca a existência de um batuque na Imperial Vila da Vitória.

O que percebemos nesses estudos é uma assertiva de que a presença negra na cidade teria sido irrelevante (vide Santos e Ivo) e que os negros que se destacavam era devido à sua “sensualidade” (tais como Faustina Gonçalves da Costa, Fulo do Panela), “valentia” (os capangas negros descritos por Aníbal e Tanajura) ou aqueles que assumiam os valores dos brancos (a exemplo de Maria Rogaçiana). Os únicos estudos que se dedicaram a analisar aspectos dessa presença negra na cidade é o estudo do professor Itamar Aguiar (1999) sobre um recorte específico, a religiosidade de matriz africana, e o da professora Grazielle de Lourdes Novato Ferreira (2005), que, estudando uma comunidade quilombola em Planalto, região vizinha, faz uma incursão na realidade de Vitória da Conquista.

Assim sendo, faltam ainda análises mais sistemáticas sobre a presença negra na cidade que dê conta de diferentes aspectos ligados às vivências cotidianas, às estratégias de sobrevivência e etc. Particularmente, entre aqueles negros que pertencem às classes populares. Trata-se de pessoas cujas vozes tem ficado perdidas na memória por causa da exclusão social a que estiveram submetidas durante boa parte de suas vidas.

Constitui-se tarefa das novas pesquisas sobre a cidade de Vitória da Conquista, desconstruir este imaginário coletivo criado que remete a Vitória da Conquista como sendo essencialmente formada através de sua matriz branca. Tal fato desconsidera a realidade plural da cidade. Desconsidera a existência dos bairros eminente negros, das



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

comunidades quilombolas presentes em nosso município, das diferentes manifestações artísticas de matriz africana na cidade etc.

Pautado nessas dificuldades, constitui-se de uma das principais prerogativas do grupo de Estudos em História da África e da América negra, fazer um levantamento das fontes existentes em Vitória da Conquista e região sobre o negro. As fontes que dispomos para o fazer desta pesquisas estão localizadas no arquivo (almoxarifado) do Fórum João Mangabeira de Vitória da Conquista, que corresponde a, inventários pós-morte referentes aos anos de 1800 a 1888. Para tal elaboramos uma ficha (tabela) onde duas vezes por semana realizamos a coleta das seguintes informações: nome do escravo, cor, valor, ofício condições físicas, origem filiação, estado civil, proprietários e local de residência. Acreditamos que tais dados poderão contribuir muitos para os estudos que já vem sendo realizados acerca do negro no planalto da conquista.

As informações contidas naqueles caixas de arquivo, nos revelam qual preciosa e rica são as fontes escritas que dispomos e que pode possibilitar inúmeros estudos sobre a população branca e escrava do sertão, ou seja, a sociedade conquistense do referido século.

Uma série de processo crimes e civil envolvendo escravos e libertos na luta por liberdade, ou que diz respeito a disputas por escravos entre herdeiros ou proprietários, que nos mostram como história do negro no Brasil fora marcada por muita violência e sujeição, ao mesmo tempo em que também fora assinalada por uma incessante sede de liberdade expressa nas revoltas, nas fugas, nas mortes e nas estratégias que procuravam barganhar um cotidiano menos violento e a longo prazo atingir seu fim último, a liberdade. Bem como confirmar que a idéia de liberdade que escravos e libertos tinham eram muito diferente daquela inventadas pelos senhores proprietários que a muito foram difundidas em nossa memória. A consciência que estes negros tinham de sua condição não significou a aceitação deste status como fim último de suas vidas.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Infelizmente o ambiente sobre o qual repousa estas preciosas fontes não é adequado para tal. Não diferente de muitos “Arquivos” de instituições publica espalhada pelo Brasil, o Arquivo do Fórum João Mangabeira de Vitória da Conquista, não serve unicamente para a guarda da documentação referente ao judiciário, ele tem acumulado também a função de almoxarifado, onde se encontram uma série de materiais – restos de computadores, cadeiras, maquinas de datilografar, armário, mesas, etc.- inutilizados que antes faziam parte do cotidiano do Fórum. Há poeira sobre o material e o espaço não permite muita mobilidade, o que dificulta o manuseio das fontes.

No que diz respeito a sua organização, encontramos a documentação separada em caixas (de arquivo) separadas por ano. Entretanto, não muito raro encontramos documento que não corresponde ao ano da caixa ou ao tipo descrito na mesma. Ao que parece muito material se perdeu ao longo do tempo, pois encontramos folhas ou pedaços de texto que não corresponde ao material da caixa.

Portanto, é sobre estas condições que temos buscado fazer nossos estudos sobre a história da escravidão e do negro no planalto da conquista. É uma pena que o poder público brasileiro, baiano e municipal, não tem dado muita atenção aos nossos arquivos e outros locais de guarda e conservação da nossa memória e história.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar. As religiões afro-brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da diversidade. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, (Dissertação de Mestrado) 1999.
- B. J. Barickman, Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no recôncavo baiano, 1780-1860. São Paulo, Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Grazielle. Cinzento: Memória de uma comunidade negra remanescente de quilombo. São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, (Dissertação de Mestrado) 1999.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

-
- IVO, Isnara Pereira. O anjo da Morte contra o santo lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.
- NEVES, Erivaldo Fagundes, "Sampuleiros Traficantes: comércio de escravos do alto sertão da Bahia para o Oeste cafeeiro paulista", Revista Afro-Ásia, Salvador: Ceao/Ufba, n. 24, 2000,
- _____. "Sertanejos que se venderam. Contratos de trabalho sem remuneração ou escravidão dissimulada?", Revista Afro-Ásia, Salvador: Ceao/Ufba, n. 19/20, 1997,
- _____. Uma comunidade sertaneja, da sesmaria ao minifúndio: um estudo de História regional e local. Salvador: Edufba, 1998
- ORRICO, Israel Araújo. Mulheres que fizeram história em Conquista. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1982.
- PINA, Maria Cristina Dantas, Santa Isabel do Paraguassu: cidade, garimpo e escravidão nas Lavras Diamantinas, século XIX, Departamento de História da UFBA, Salvador. (Dissertação de Mestrado), 2000 e
- PIRES, Maria de Fátima Novaes, O crime na Cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888). São Paulo. Annablume/FAPESP, 2003.
- SANTOS FILHO, Licurgo, Uma comunidade rural no Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- SOUSA, Maria Aparecida Silva. A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001.
- VASCONCELOS, Albertina Lima. "Ouro: conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia do século XVIII" (Dissertação de Mestrado, UNICAMP-IFCH, 1998);